

O papel da fotografia antropológica em suas formas

Bernardo Barreto

A concepção do texto descritivo, narrativo e argumentativo na etnografia

Texto por Luiz Bernardo Barreto

A compreensão etnográfica dos objetos de pesquisa se renova com a introdução de novas ferramentas de documentação e registro da percepção. O campo da iconografia se valida “apropriação” do visual, uma vez que pesquisa, registra, discute e publica tal objeto de estudo.

Porém, o caráter de discurso é que sofre julgamento, ou pré-julgamento perante sua validade, credibilidade, relevância. A fotografia de cunho antropológico vem arraigada a determinadas conceituações que, dentre elas, indaga-se sobre o grau e nível de compreensão do ~~uso~~ comum diante de determinados estudos apresentados, nos quais a fotografia se funda como ferramenta da pesquisa.

O universo da visão vem para quebrar o “paradigma” do sensível, e apenas dele, no ~~qual~~ respeito à percepção da racionalidade científica ao nível dos estudos da ciência. Esse novo modo próprio de pensar estrutura uma nova conceituação da descrição, por muitas vezes misturando com o fundamento da explicação, o que pode tornar-se perigoso.

A fotografia é tida como uma aparência, uma visão expressada diante de um olhar estabelecido, ou pré-estabelecido, com pretensões, tendências, fins e meios. Ela torna-se

linguagem quando caminha arraigada de valores e dizeres, sensações e expressão interpretação e razão.

Dentre vários sentidos que a fotografia nos apresenta, a abstração se mostra uma das que mais incomodam os antropólogos e etnólogos. Da forma que a neutralidade está para um texto científico, a abstração está na construção de uma imagem, inclusive fotográfica.

A descrição então, se estrutura ao passar do tempo, onde nossa percepção fica mais madura, mais eficaz, mais próxima de uma compreensão com mais verdade e mais ampla. Ela vem com o tempo, pois é fruto do tempo, e filha da experiência. O estado da descrição sempre caminha com a necessidade e prioridade de se aumentar a bagagem intelectual e prática do nosso campo e objeto de pesquisa.

Ai se encontra um erro no que se nomenclatura de estatuto da escrita descritiva, onde subjetividades se tornam “verdades”, e juízo se torna valor, norma, conduta. Se o objeto iconográfico, a fotografia (se assim for tratada), vem estruturada e acompanhada de uma narração, o seu papel é a descrição, que tem cunho romântico, literal. Não que a narra?

Quando interpretamos algum objeto científico, nos deparamos com problemas de análise relativos à captação da descrição. O etnocentrismo, e a prática puramente, sempre condicionalmente normativa, empobrecem o campo da ciência com limites, redundância e conceitos apenas teóricos e nada práticos. A teoria acaba, por vezes, não sendo lúcida sobre si mesma. A explicação quando se auto referencia-se, tende a ignorar-se. O mostrar e o demonstrar não são apenas atos do pesquisador, e sim exercícios por ele apreendidos, que tem que ser tomado a cabo diante sua necessidade de executá-lo.

A descrição etnográfica não se limita unicamente à sua modalidade textual, mas também opera no campo da museologia, sendo uma atividade de conservação, exposição e restituição?

Na descrição etnográfica, o sujeito da enunciação é largamente minimizado a favor do

enunciado de referência. O que importa é a pesquisa, e não o pesquisador. É na linguagem que tudo acontece. A cultura só se constitui a partir da etnografia, da etnologia e da antropologia. A problemática na atividade da descrição etnográfica não repousa no caráter da referencialidade, mas sim na linguagem. Qual a linguagem para se pensar, abordar, estruturar e pesquisar determinado assunto? A concepção dessa linguagem encaixa nos caminhos da etnografia, etnologia e antropologia? Quais parâmetros usará para determinar tal objeto de estudo como social, onde a fotografia sirva de suporte técnico na captação, e teórico na interpretação e explicação, fazendo nascer a argumentação?

Essas indagações, dentre várias outras que circundam o campo da fotografia como objeto de estudo e ferramenta de pesquisa, servem como suporte para melhor entendermos o processo de produção cultural, em que nossas pesquisas se tornam e faz nascer o condicionamento do olhar e sua interação com a ciência é um procedimento que leva tempo e maturidade, assim como na descrição, até porque isso é descrever.

A forma que encontramos para argumentar determinado tema se estrutura por uma linguagem complacente à nossa teoria, a nossa postulação, ao nosso sentido e percepção, construção e procura da melhor forma de estruturar nossa pesquisa. Algo que habilite nosso olhar, e sempre progrida no sentido da interpretação e explicação.

A fotografia combate tudo aquilo que é unívoco, determinando, até pra si mesmo, a experimentação visual e lingüística das diferenças, baseadas em diferentes maneiras de captar e registrar suas histórias, com versões variadas de diferentes visões, sob olhar com aspectos de diferentes percepções.

Qual seria a graça e o objetivo da fotografia, se essa se mostrasse uma linguagem de um só?

Obra original disponível em:

<http://www.overmundo.com.br/banco/o-papel-da-fotografia-antropologica-em-suas-formas>